

A NOSSA INDEPENDENCIA⁽¹⁾

Senhores!

Thomaz Carlyle, numa serie de conferencias memoraveis sobre o culto dos heróes e o heroísmo na historia, discorrendo, com a visão mystica de puritano sonhador, conclue que a humanidade marcha conduzida por seus grandes homens e que a historia do mundo se condensa na biographia dos seus heróes.

Fiel a essa concepção simplista da vida dos povos, resume, na biographia de Cromwel, a reacção liberal da Inglaterra contra o absolutismo dos Stuarts, e no gesto rude do primeiro Bonaparte, tal como o representou Luiz David, no quadro celebre, cingindo a corôa da França, para fundar uma dynastia bastarda, vê o facto predominante, a attitude providencial que ha de salvar uma sociedade fatigada, exausta, convulsionada e aniquilada pela anarchia palavrosa e cruenta da Revolução, pelo materialismo sensualista, dissolvente, pela ruina financeira do Directorio.

Não podia o notavel ensaista ter da historia concepção differente. Faltavam-lhe as bases para outro typo de construcção.

As sciencias sociaes, que só em meados do seculo passado começaram a vislumbra algumas das suas leis mais geraes, formuladas pelo genio synthetico de Augusto Comte, lhe não hâviam aberto horizontes para o remigio das azas portentosas, e quando lançavam os seus fundamentos, chegara ao declinio a actividade mental do escriptor. Uma philosophia da historia, não era ainda possivel. Os registros, os archivos, os documentos de toda a especie em que as gerações que passam gravam as suas façanhas, não haviam sido franqueados á curiosidade da critica.

No evocar a marcha da civilisação no transcurso do tempo, misturava-se a phantasia com a verdade, de maneira a circumscrever a historia em quadros preestabelecidos, conforme certas preferencias de ordem politica e de ordem religiosa. E a historia romanceada, apparecia-nos como um drama confuso, de enredo complicado, pungente e glorioso, em que, apenas, se percebiam com nitidez, os papeis dos actores mais em evidencia, os daquelles que, de alguma sorte, foram ou pareciam ser os seus protagonistas. Assim, no theatro, os espectadores bisonhos, que só veem e comprehendem os gestos e as palavras dos actores do primeiro plano. Mas, nos dramas sociaes, como na ficção scenica, para além das figuras de primeira linha, move-se a multidão dos personagens de ordem secundaria, aparentemente menos importantes, encarregados de conduzir a acção, e que são a razão de ser dos outros.

Nos dramas da humanidade aquellas figuras permaneceram, por muito tempo desconhecidas da historia, occupada em destrinçar as intrigas de côrte, a esmiuçar a vida das dynastias, a collocar nos pedestaes os heróes de cada epoca, ou a distribuir

pelos circulos do seu inferno, os condemnados e os reprobos.

Desse erro, por uma intuição psychologica genail se apercebeu Carlyle, em tempo, e já na Historia da Revolução Franceza, o instincto da verdade guia-lhe a penna luminosa, e como que lhe corrige os excessos da concepção theorica.

Nessa obra, por todos os titulos imperitura, a energia heroica, não promana de Robespierre, que o escriptor odeia, nem de Danton, que elle exalta, mas da alma collectiva, da consciencia popular.

Estudando a grande crise da França, de fins do seculo XVIII, Carlyle chegou empiricamente, como se lhe illuminasse o espirito o relampago de um olhar genial, ás origens mesmas dos phenomenos sociaes, tal como o faria um critico hodierno, apparelhado com o material de analyse que nos fornece o estudo da dynamica social. Por esses tres volumes de resignação cruel e indulgencia optimista, de onde a França revolucionaria resurge numa grande evocação, passam sob os nossos olhos todas as grandes figuras da epoca, empolgantes e vivas, influenciando sem duvida no desdobrar dos factos, mas não os conduzindo, antes conduzidas por elles. Ao cabo dessa leitura, poder-se-ia chegar facilmente á conclusão, que o philosopho de Montpellier, mestre em conceitos definidores encerrou na formula conhecida, que é a synthese de todo o progresso humano: "O homem se agita e a humanidade o conduz".

Malgrado essa verdade, que já não soffre discussão, por evidente que é, ainda agora, por um pendor natural do nosso espirito, a historia se vae escrevendo, como na epoca de Carlyle.

Em virtude das proprias leis que regem a nossa actividade mental, não sabemos, não podemos pensar se não simbolicamente. E' um processo de simplificação a que, a miude, recorre a intelligencia. Quanto mais complexos são os phenomenos sobre que ella se exercita, tanto menos lhe é possivel discernir, num relance, a multidão e a variedade dos factos secundarios que concorrem á producção de um facto principal. Pensamos syntheticamente, por meio de pequenos resumos.

Para melhor comprehendermos os phenomenos sociaes, na sua complexa evolução, agrupamol-os consoante certas afinidades e certas semelhanças, por vezes fortuitas, e substituímos esses grupos por symbolos pessoaes que os representam. Achados esses, esquecemos, muita vez, que são apenas symbolos; confundimol-os com a propria realidade, que elles substituem. Mas o problema historico fica desta forma, sem ser bem comprehendido. Procedemos como o mathematico que, ao applicar as suas formulas, não atinasse em substituir as expressões litteraes, pelos valores numericos que ellas representam.

Esse erro de visão critica, ou antes essa illusão, nascida de uma imperfeição da intelligencia humana, que precisa simplificar os factos para bem comprehendel-os, pode conduzir, e tem conduzido, a falhas de apreciação, e a grandes injustiças no julgar a vida das sociedades.

Assignaladas por uma data e por um nome,

(1) Discurso pronunciado pelo dr. Fabio Barros na sessão solemne, commemorativa da Independencia, realisada pela Sociedade de Medicina de Porto Alegre.

crises de vida que exigiram annos de elaboração e se prolongam em consequencias pelo tempo futuro, é um processo mnemonico e um artificio, sem duvida necessario, pois que necessitamos, no espaço e no tempo, pontos de referencia, para apreciar o quadro geral da civilização.

A data, que nós, os brasileiros, vimos celebrando, entre demonstrações de enthusiasmo, corresponde, sem duvida, ao episodio mais aparatoso e theatral da jornada emancipadora, mas, indubitavelmente, o que menos influio sobre ella. Rete-nhamos a data e o que ella representa. Cumpre, porém, não olvidar, que não alcançamos esse resultado, pela influencia magica de uma phrase estudada e pronunciada com aparato militar ao cair de uma tarde de Setembro, em scenario decorativo especialmente escolhido para dar imponencia ao acto. Tudo denuncia aquelle momento como um golpe de theatro, decisivo talvez, mas não imprescindivel; tudo: desde a escolha previa do lugar, que foi a preoccupação de José Bonifacio, até as minucias de encenação: a hora crepuscular, a presença do príncipe, em uniforme de granadeiro, as espadas desembainhadas, reflectindo os ultimos reflexos agonicos do sol em declinio, os emblemas da metropole arrancados, e por fim, a phrase, a phrase retumbante, a phrase que a historia havia de guardar, como a lembrança mais viva dessa tarde de emoções: "Independencia ou morte!"

Seria isso, apenas isso, a nossa Independencia? Seria, aquelle grito, o "Open Sesame" que nos abriu magicamente, as portas do futuro?

O seculo XIX, nos seus primeiro trinta annos, foi a epoca da emancipação americana. Quando se concretizou a nossa, já os quatro vice-reinados e as cinco capitánias geraes, que constituíam o dominio colonial hespanhol de ultra-mar, haviam dado os passos mais decisivos no caminho da independencia. Já a figura, talhada no molde napoleónico, de Bolivar enchia o continente, e o grito de "guerra a muerte" repercutira desde o Mexico até a Patagonia, e transpuzera o baluarte da cordilheira oriental, marcando as fronteiras dos povos livres com um rastilho de sangue, que por vezes, se fez caudal. A emancipação colonial foi um phenomeno americano. Embarcamos na corrente geral, irresistivelmente, porque não podiamos deixar de o fazer. Identicas condições internas, deviam de levar ás mesmas consequencias. E nem nos faltou, para todos, a coincidência do pretexto, que nos havia de vir, para uns e para outros, hispano americanos e luzo-americanos, no passo de carga das invasões napoleonicas, na península.

Na Hespanha, Fernando VII deixa-se aprisionar e confiscar o throno, em beneficio de um irmão do invasor; em Portugal, d. João VI foge, a tempo, para a sua grande colonia, pondo-se a salvo. Essa diferença dos destinos das duas monarchias, explica bem claramente as diferenças no processo pelo qual se operou a libertação das colonias respectivas. Mas, emfim, as causas geraes, permanecem as mesmas e não dependeu, como jamais nenhum phenomeno historico, de vontades individuaes ou de caprichos de pessoas, mas de condições igualmente geraes e inevitaveis. E a principal é que, pela formação de um vivo sentimento de nacionalidade, adquiriram a consciencia de nós mesmos,

e a certeza de que a nós mesmos nos bastavamos para a vida, num porvir sem limites.

O seto de setembro, foi, nessas condições, um bello remate, um fim apothetico do acto que não era, nem podia ser o ultimo. Porque, se ali no Ypyranga se definia uma situação que já existia virtualmente, quebrando o derradeiro e fragil vinculo que nos prendia a metropole, nem por isso alcançamos, de chofre, nessa hora, a realização perfeita dos nossos ideaes. Nem poderia ser de outra forma, se não quizessemos defrontar com o destino terrivel das colonias hispano-americanas, cujo exemplo tinhamos sob os olhos, para nos edificarmos. Não quizesmos, por isso transigirmos. Resignamo-nos com uma emancipação, por assim dizer, parcial, deixando que persistissem laços moraes que só muito mais tarde deveriam de ser quebrados. Com effeito, tal como se operou, a nossa Independencia teve o caracter contemporizador de uma transigencia prudente e opportuna das avancadas tendencias nacionalistas com o reaccionarismo do sentimento portuguez. O Imperio foi um momento de equilibrio entre a aspiração republicana, como forma definitiva de emancipação americana, e a dependencia da metropole.

Firmamos a nossa independencia economica que já era um facto desde a abertura dos portos ao commercio mundial, mas social e politicamente conservavamos um vinculo de sangue, pondo como tronco da dynastia nacional o ramo principal da casa de Bragança, e seu herdeiro natural, que se outras causas não houvessem intervindo, poderia ter reunido de novo, sob a mesma corôa e sob o mesmo sceptro os dois povos que as circumstancias de momento separavam.

Conservamos um vinculo moral na identidade das instituições monarchicas, transplantadas da Europa com todas as suas falhas, planta exotica no continente republicano.

Não se dirá todavia que essa transação tenha sido um erro. Além de que, outra solução fôra impossivel no momento, decorreram della para a nossa formação politica e social, vantagens que não é agora o momento de lembrar e encarecer, mas que é facil de avaliar ponderando todas as difficuldades com que houveram de arcar as colonias hespanholas visinhas. Mantivemos, com ella, a unidade da patria, que se teria necessariamente fragmentado em pequenas republicas caudilhescas, se adoptassemos a solução extrema, que não puderam evitar ao povos hispano americanos.

Sobretno, a solução monarchica permittiu-nos traçar a norma, nunca depois de esquecida, de resolvermos o problema do nosso progresso, sem sobresaltos sangrentos, numa atmosphera de paz e de concordia.

Por essa forma, o espirito liberal trabalhando os nossos sentimentos, preparou a nossa intelligencia para que assentássemos o segundo marco da Independencia, pela libertação do elemento servil, chancellada, emfim, em pleno governo de um gabinete conservador. Assim desaparecem o throno como o termo natural de uma evolução dos sentimentos nacionaes.

Differente é o quadro da vida politica nas colonias hespanholas, que ao saccudirem o jugo europeu, cahiram, de chofre, mal aparelhadas, num

regimen popular que teria de provar todas as vicissitudes amargas da adaptação, antes de se consolidar. E' que as possibilidades de organização politica que se lhe deparavam, dada a sua singular posição em face da metropole, eram differentes das que se nos offereciam. Os seus vinculos de dependencia eram dynasticos e pessoases. No opinar dos seus proprios jurisconsultos, as colonias hespanholas da american constituíam attributos da corôa; não eram posse da nação.

Prisioneiro Fernando VII, occupado o throno da Hespanha por José Bonaparte, deu-se naturalmente a reacção contra a tutela do usurpador. O vinculo colonial partira-se na propria metropole com a destituição do monarcha e o surto das ideas emancipadoras não teve a defrontar maiores entraves. Essas ideas, encontraram lá, como aqui, homens que as agitassem e coordenassem, nas figuras gloriosas de Mariano Moreno, Belgrano, Rivadavia, Pueyrredon, San Martin, e, acima de todos, Bolivar. Lá, como aqui, se balancearam as condições de momento, para organizar sob fórma politica autonoma, os povos libertos. E, facto a registrar, differentes, oppostas foram as conclusões. Compreendendo as difficuldades de por em pratica o systema republicano, diante das deficiencias da educação politica ambiente, pronunciaram-se quasi todos, pela instituição da monarchia, com um principe de Bourbon á frente. Sómente os embaraços de improvisar, fazer vingar e radicar, uma realeza americana, era muito maior: resignaram-se a um regimen democratico, por muito tempo puramente nominal, e que para chegar a sua realidade impoz ás antigas colonias as mais duras e cruentas provações da demagogia turbulenta e infrene e das tyrannias de sangue. Entre nós, sabemol-o, as tendencias avançadas dos nacionalistas eram para os institutos politicos da Republica, as condições da sociedade e a segurança do futuro, deram-nos o conselho, bem avisado, de acceitarmos a monarchia, como fórma transitoria, para aqual tinhamos na pessoa do principe regente, a base dynastica que faltara aos nossos irmãos do continente.

Da sorte adversa que agitou as republicas hespanholas, privou nos a transação monarchica, retardando, a consumação da nossa Independencia. Em verdade, a integração do Brasil em si mesmo e na America, a sua definitiva emancipação, só chegou a 15 de Novembro, com a Republica.

Na posse completa de nós mesmos, temos destinos a cumprir, inseparaveis dos destinos americanos. Cumpre-nos, com a força e a iniciativa de povos novos e vigorosos, resolver em beneficio da humanidade problemas que a Europa exausta do labor de tantos seculos já não tem energia para resolver. Os nossos deveres são graves mas primordial será o papel que devemos assumir na marcha da civilisação. Sem o nosso concurso, sem a nossa cooperação decisiva o movimento do progresso não se fará, pois que no concerto dos povos occidentaes, já não é possivel admittir a hypothese de civilisações individuaes. A civilisação geral repousa, agora, na maneira porque se entenderão os povos entre si e pois sem uma concepção superior do direito inter-

nacional, visando cimentar e fortalecer os laços de solidariedade entre os homens, não haverá verdadeiro progresso, que sómente se realizará se os nossos sentimentos guiarem a nossa intelligencia. Ora são americanas de iniciativa, ou porque aqui se tenham acolhido e desenvolvido, as mais bellas iniciativas, que sob forma juridica, tornaram cada vez mais nobre e fecunda a mutua cooperação dos Estados na obra da civilisação. Bástá-nos relembrar que partiu da America, como consequencia da „guerra a muerte“ a iniciativa do arbitramento geral obrigatorio nos conflictos entre nações, clausula inscripta gloriosamente na lei banica brasileira. Outras iniciativas brilhantes, que renovam o direito internacional, tem o indelevel cunho americano, na sua forte expansão de solidariedade humana: assim no que concerne aos direitos dos neutros, ao reconhecimento da igualdade juridica entre os estados, á inviolabilidade da propriedade particular nos tempos da guerra, á igualdade das raças, ao principio territorial do *uti possidetis*. Alargamos, essencialmente, com a generosidade de povos novos, a comprehensão juridica de outras questões, como as referentes á cooperação internacional em materia penal, pela extradição, ao direito de asylo, ao confisco de bens particulares, ao tratamento e aos direitos dos estrangeiros.

A simples enumeração desses problemas, creados ou resolvidos por nós, mostram o papel que temos representado e as responsabilidades do futuro que contrahimos. Devemos orgulhar-nos com isso. Cabem-nos parte em taes responsabilidades, como consequencia da nossa existencia politica autonoma. Assim, sê por um lado a nossa emancipação, que assentou o primeiro marco em 1822 e o ultimo em 1889, tem uma significação exstrictamente brasileira, um por outro lado uma significação americana e universal.

Senhores ! Com a cebrção de hoje, com que comemoramos o facto da nossa Independencia, a Sociedade de Medicina deseja significar que ao lado e acima do programma scientifico em que empenha os seus esforços, mantem um programma civico de culto ao passado e de esperanças no porvir. Trabalhando pelo desenvolvimento scientifico da medicina, trabalha igualmente pelo progresso do Rio Grande e do Brasil. Cultuamos o passado na figura dos seus grandes homens, dos seus heroes, mas tambem de todos aquelles, grandes ou pequenos que são os factores esquecidos da nossa existencia de povo.

Cultivamos esperanças de futuro, não apenas pela fé inabalavel de que não faltarão homens capazes de o preparar, mas principalmente pela confiança na energia, na intelligencia, no valor do nosso povo. Não queremos estabelecer differenças nem cathogorias entre os operarios da nossa grandeza. Todos os que trabalharam connosco ou trabalham para nós merecem a nossa sympathia, a nossa solidariedade, o nosso amor. Podemos dizer, paraphraseando um dito antigo, que somos brasileiros, e do que for o brasileiro nada será alheio as nossas cogitações.